

# BC mantém juro a 8,75%. Alta viria em abril

Três diretores queriam elevar taxa básica em 0,5 ponto. Copom promete 'monitorar atentamente' a inflação

Vivian Oswald

• BRASÍLIA e SÃO PAULO. O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC), seguindo as expectativas do mercado, manteve ontem, pela quinta vez consecutiva, a taxa básica de juros da economia (Selic) em 8,75% ao ano. Mas deixou claro que esse ciclo será interrompido por uma alta em abril. Isso porque a decisão, ao contrário das últimas cinco reuniões, não foi unânime. Três dos oito diretores votaram pela elevação da Selic ontem mesmo, em 0,5 ponto percentual.

Os juros estão inalterados desde junho de 2009, quando caíram pela última vez na esteira da ofensiva contra a crise financeira. Com a manutenção, o Brasil continua no topo do ranking mundial de juros reais, com o equivalente a 4% ao ano. Havia uma expectativa de que a variação da inflação acima do esperado neste início de ano, em meio a sinais inequívocos de forte retomada da atividade econômica, antecipasse o fim de abril para ontem a alta da Selic.

Chegou-se a cogitar a volta do viés (indicação), o que permitiria alterar a política monetária antes mesmo da próxima reunião, em 27 e 28 de abril.

— A única justificativa que se vê para não subir a Selic é que não houve sinais mais claros anteriormente de que o BC aumentaria os juros. Mas, de lá para cá (desde a última reunião, em janeiro), piorou muito o quadro da inflação — afirma



o economista-chefe da corretora Máxima Asset, Elson Telles, para quem o Copom subiria a Selic em até 0,5 ponto.

### Alguns analistas já esperavam elevação da Selic

— O aumento dos juros deveria, na verdade, ser postergado e realizado apenas a partir de junho ou julho. Embora já dê sinais de reaquecimento, a economia brasileira ainda não consolidou o processo de recuperação — diz o economista-chefe da consultoria Austin Rating, Alex Agostini, que apostava na manutenção.

No comunicado divulgado após a reunião, que durou três horas, o Copom afirma que vai "monitorar atentamente" — e não mais acompanhar, como em notas anteriores — "a evolução do cenário macroeconômico".

— Pode ter sido a última reunião comandada pelo presidente do BC, Henrique Meirelles, que assumiu o cargo em janeiro de 2003 e tornou-se o mais longo da instituição. Isso significa que a tarefa de subir os juros pode ficar para seu sucessor — provavelmente Alexandre Tombini, atual diretor de Normas. Também po-

de ter sido o último encontro do diretor de Política Econômica, Mário Mesquita.

Daqui a uma semana o BC deve divulgar a ata da reunião, mais dura a respeito dos riscos inflacionários, chancelando uma alta da Selic em abril. O centro da meta de inflação para 2009 é de 4,5% pelo IPCA. Mas o mercado já projeta índice acima de 5% este ano.

O mercado não descartava ontem alta entre 0,25 e 0,5 ponto percentual, que seria a primeira desde 23 de julho de 2008. Mas alguns analistas defendem que os preços estariam se acom-

dando. Além disso, diz o economista-chefe da LCA Consultores, Bráulio Borges, é preciso mensurar o efeito do aperto do compulsório, a partir do próximo dia 22. A LCA estima que a retirada de R\$ 71 bilhões do sistema financeiro tem impacto equivalente a um aumento de 1,4 ponto percentual da Selic.

A decisão do Copom foi bem recebida pelo setor empresarial, mas desagradou a centrais sindicais. Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), afirmou que prevaleceu o bom senso:

— O governo foi sensível ao

nosso apelo, baseado em concreta argumentação técnica, e renovou as condições de crescimento — disse Skaf, ressaltando, porém, que há condições para uma Selic menor.

### Força Sindical critica 'perversidade' do BC

Para o presidente da Associação Brasileira de Indústria de Base e Infraestrutura (Abdib), Paulo Godoy, o Copom acertou em aguardar a evolução da economia antes de subir os juros:

— O Brasil tem ocupado nos últimos anos o primeiro posto na lista dos campeões de juros reais do mundo. Isso tem sido um fardo para aumentar as perspectivas de crescimento econômico e de investimento.

Já Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio de São Paulo (Fecomércio-SP), observou que medidas como o aumento do compulsório e o fim da desoneração do IPI surtirão efeito sobre a demanda.

Mas o presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, classificou a decisão de "perversidade com os trabalhadores". Para ele, "os tecnocratas do BC têm se mostrado extremamente frios com o setor produtivo". E Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT), disse que o Copom perdeu a oportunidade de acelerar o crescimento:

— Com os 8,75% da Selic, o juro real continuará nos 4% ao ano, ante 2,6% da Indonésia e 2,5% da China. ■

Editoria de Arte

FONTE: BC